

Conto Erótico Gay Único

BASTOS, O RECRUTA QUE ME COMEU NO QUARTEL



James L.

Edição e-Pocket

**CONHEÇA TODA A COLEÇÃO DE CONTOS ÚNICOS DO
AUTOR DISPONIVEL NA SUA LOJA KINDLE.**

JAMES L. – 2022

EDIÇÃO 01

BASTOS, O RECRUTA QUE ME COMEU NO QUARTEL

Eu sempre fui desde pequeno um cara muito, muito pavio curto, lembro que eu era o pior da minha sala na escola, brigava com todo mundo, não comia regue de ninguém, como dizia-se na minha época.

E, infelizmente cresci com essa característica, até no meu trabalho eu era assim não levava desaforo para casa de ninguém, pois bem, eu sabia que não deveria ter enfrentado o Bastos. Mas na hora da raiva homem não pensa, é o nosso instinto animal quem manda.

Era uma tarde de terça, cheguei ao quartel todo suado e fui direto ao chuveiro com uma certeza: aquela noite eu ia levar uma sova. Acho que o que rolou com o Bastos vai ter troco, eu pensei.

Fui para meu armário, peguei sabonete, shampoo, condicionador, um short e minha toalha branca, para ir tomar banho. Tirei as botas que já estavam naquele momento me matando, tirei a camisa e calça e terminei de tirar a cueca, deixei-a cuidadosamente dobrada junto ao short de treinamento, que acabei de pegar no armário, sobre o banco e fui direto tomar banho.

Para quem não conheço ou nunca foi a quartel, lá tem uma espécie de galpão, com uns vários chuveiros bem próximos um do outro. Nessa época eu servia no quartel de Caçapava, e lá realmente era um enorme galpão onde dezenas de rapazes de 18 e 19 anos revezavam-se no banho, muitas vezes, gelado por causa da zoeira dos veteranos que desligavam a corrente elétrica, só para ver a gente sofrer... Se você foi ou é do exercito sabe do que eu estou falando...

Eu havia chegado no quartel já a noite, pois naquela terça, eu e meu grupo, tínhamos terminado o Treinamento Físico-Militar (TFM), era um treinamento muito pesado, onde durante todo o dia eu soei, fiquei tão ensopado, como se eu tivesse tomado banho de roupa e tudo... Mas quem liga para isso, né? Você se importa? Não, acredito que o pessoal de lá também não, pois naquele dia o sargento já estava gritando:

“Vamos economizar a água do quartel, rebanho de porras, adianta esse lado! Vai, vai, vai!”

Então para não perder tempo, entrei logo debaixo de uma das duchas (que nesse dia, por sorte eu sabia que estaria quentinha) e ao olhar para meu lado esquerdo, e vi que o meu camarada Leandro chegou ao chuveiro do lado. Ele estava com uma cara fechada, parecia que estava mais preocupado do que eu!

– Fala, zé buceta! – disse ele. Todo mundo é “zé buceta” no quartel. Aliás, a única coisa autenticamente engraçada no Exército são os apelidos dos caras. Um pior que o outro. Ninguém sabe direito o nome do camarada, mas o apelido está sempre na ponta da língua, eles não fazem a mínima questão de saber quem é quem, que se foda!

Mas voltando a história, até para tomar banho era uma coisa difícil, pois era uma espécie de aperto mental, observei, que tocou o primeiro apito e colocamos a mão na torneira. Acredite nesse quarte, se algum filho da puta não ficasse atento para girá-la no segundo apito, pagava flexão ali mesmo na frente de todo mundo. Veio o som ardido do segundo e ligamos imediatamente o chuveiro. A água dessa vez saiu quente para meu alívio.